

**Vozes de corpos marcados: um estudo qualitativo sobre significados emergentes***Voices of market bodies: a qualitative study on emerging meanings.***Marta Rodrigues\*****Zélia Teixeira\*\*****Luís Santos\*\*\*****RESUMO**

O foco da presente pesquisa incidu sobre as vozes de sujeitos extensivamente marcados ou que através das modificações corporais (MC) visavam a construção de um projecto corporal. Desenvolve-se no território das MC (tatuagens, *piercings*, escarificações, entre outras) e resulta do tratamento parcial dos resultados de entrevistas realizadas junto de 20 usuários e de 20 profissionais de MC. A investigação, de índole qualitativa, decorreu no contexto comunicacional do ciberespaço, tendo a recolha da informação sido realizada através do *chat* do *Facebook* por meio de um questionário e de uma entrevista semi-estruturada. A sua análise foi sustentada no método *Grounded Analysis* visando uma teoria fundamentada nos dados, depois da categorização hierarquizada dos mesmos. Os resultados distinguem como principais razões para a realização das múltiplas MC que apresentam, o gosto pelas mesmas, percebidas como uma forma de arte, como expressão de significados pessoais, afirmação da diferença, e meio de construção identitária. São poucos os estudos realizados em Portugal neste domínio, pelo que a presente investigação tem como inerente vantagem afastar a reflexão sobre as MC da patologização e da estigmatização que o senso comum e grande parte da leitura das abordagens da psicologia e da psiquiatria tendem a atribuir a estas práticas.

**Palavras-chave:** Modificações corporais; motivações; *grounded theory*; identidade.

\* Administração Regional de Saúde Norte, Portugal. E-mail: marta.rodrigues@arsnorte.min-saude.pt

\*\* Universidade Fernando Pessoa, Portugal. E-mail: zelia@ufp.edu.pt

\*\*\* Universidade Fernando Pessoa, Portugal. E-mail: lsantos@ufp.edu.pt

## ABSTRACT

The focus of this research is on the voices of subjects extensively marked or that through Body Modifications (BM) aimed at building a body project. It develops in the field of BM (tattoos, piercings, and scarifications, among others) and is the outcome from the partial treatment of the results of interviews with 20 users and 20 professionals of BM. The research, of qualitative nature, took place in the communicational context of cyberspace, and the collection of information was done through Facebook chat by using a questionnaire and semi-structured interview. The analysis was based on the Grounded Analysis method, aiming at a data-based theory, following the random categorization of data collected. The results distinguish, as main reasons for the performance of the multiple BM observed, the taste for them, perceived as a form of art, as the expression of personal meanings, as the affirmation of the difference, and as an identity construction medium. There are few studies carried out in Portugal in this area, so this research has as the inherent advantage to remove reflection on the BM from the domain of pathologization and stigmatization that common sense and many analyses in Psychology and Psychiatry tend to attribute to these practices.

**Keywords:** Body modifications; motivations; grounded theory; identity.

**Received on:** 2017.09.10

**Approved on:** 2018.03.03

Evaluated by a double blind review system

## 1. INTRODUÇÃO

A prática de MC não é uma realidade recente, ainda que continue a suscitar uma pluralidade de inquietações sociais e científicas em diferentes áreas do saber (Rodrigues, 2015; Taliaferro & Odden, 2012). Na verdade, o corpo arranhado, rasgado, perfurado, queimado, cortado, penetrado, distendido, deformado ou amputado remonta à ancestralidade, datando os primeiros registos do ano 3000 a.C. (Wessel & Kasten, 2014). Desde essa época que se registam práticas de remodelação, reconstrução e reconfiguração (Ferreira, 2007), conseguidas através de várias formas, desde as tatuagens, as perfurações, as escarificações ou as práticas de suspensão corporal

(Rodrigues, 2015).

No caso específico das tatuagens, as práticas mais comuns, diversos estudos têm sido desenvolvidos, desde a análise da sua história e natureza (Ellis, 2012; Miranda, 2016; Taliaferro & Odden, 2012); as tatuagens como uma forma de arte (Michaud, 2012), tatuagens e gênero (Botz-Bornstein, 2012; Kang, 2012), tatuagens e identidade pessoal (Falkenstern, 2012; Fruh & Thomas, 2012; Smith, 2012), tatuagens como expressão de liberdade (Carvalho, 2012; Heaps, 2012), e experiências e histórias sobre tatuagens (Lee, 2012; Decker, 2012; Ferreira, 2006; Rodrigues, 2015).

Outros estudos têm privilegiado, para além das tatuagens, diversas análises em torno das perfurações, que incluem o *body piercing* (D'Ambrosio, Casilo & Martini, 2013; Forbes, 2001; Wessel & Kasten, 2014), e outros ainda formas mais severas de modificação corporal, as quais compreendem as mutilações (Klonsky & Muehlenkamp, 2007; Klonsky, Oltmanns, & Turkheimer, 2003; Stirn & Hinz, 2008).

A possibilidade de modificar o corpo permite encarar o mesmo como uma plataforma de expressão e como um veículo de construção de identidade. Nesta perspetiva, os sujeitos marcam o corpo como forma de se encontrarem consigo próprios, sendo que modificar-se surge mais como uma necessidade e não propriamente como um desejo. A diferença é ativamente produzida nos corpos, e as próprias MC são símbolos da diferença (Arp, 2012; Rodrigues, 2015). Modificar o corpo é construir uma identidade de forma diferenciada, individualizada (Fruh & Thomas, 2012; Loeck, 2010), fluída (Falkenstern, 2012) e que espelha múltiplas formas de liberdade (Carvalho, 2012, Heaps, 2012).

O progressivo aumento da consciência física e da presença corporal no mundo resulta do crescimento e dos movimentos sociais numa modernidade tardia caracterizada pela falta de espaço para a singularidade (Rodrigues, Teixeira & Santos, 2017). Consequentemente, o culto do corpo ganhou um sentido auto identitário e transformou-se num eixo estruturante dos atuais estilos de vida (Ferreira, 2004). O ato de marcar o corpo definitivamente é um ato de ultrapassagem dos limites físicos (Pires, 2005), de construção das barreiras corporais. Neste sentido, as experiências de MC estão muitas vezes associadas à procura de novas sensações. Aqui, o corpo surge como resposta ao ser percebido como um meio de reclamação de espaço na sociedade e cultura, espaço esse, tanto físico como psíquico (Latini, 2005). As MC envolvem a alteração da aparência física do sujeito materializando-se em acrescentos ao corpo, como a tatuagem,

escarificação, *piercing*, *cutting*, *branding*, entre outros procedimentos realizados principalmente por razões estéticas (Myers, 1992). Alguns indivíduos através das MC conseguem aceitar melhor o seu corpo e aumentar a sua autoestima, não porque esteja na moda mas por considerarem o corpo modificado belo, pois muitas vezes ser diferente dos demais é, só por si, sinal de beleza (Loeck, 2010). O corpo como um meio de arte (Michaud, 2012) é também uma forma de maior conexão ao corpo (Muller, 2012), também percecionado como “avenida” ou tela para a auto expressão (Adams, 2007). Um outro modelo para compreensão da prática de MC na sociedade de consumo contemporânea é a noção de *body project* (Giddens, 1991), de projeto corporal (Shilling, 1993), onde o corpo é um contínuo foco de trabalho no sentido da transformação e do melhoramento.

Quando as MC deixaram de estar subjugadas a determinados grupos ou classes sociais e a significados pré estabelecidos e reconhecidos socialmente, os significados que lhes são atribuídos, apesar do carácter relativamente permanente dos trabalhos no corpo, começam a diversificar-se (Turtiainen & Oksanen, 2005). Hoje, as marcas são muitas vezes adotadas como narrativas pessoais, “são vestígios que expõem o território da subjetividade, pregada na carne, numa ausência de subtileza” (Garcia, 2006, p. 19). Numa época de liquidificação social e identitária (Ferreira, 2011) marcada pelo risco, incerteza, instabilidade, insegurança e precaridade (ou modernidade líquida segundo Bauman, 2001), os trabalhos autobiográficos “à flor da pele” que ilustram os corpos dos sujeitos, funcionam como diários permanentes que ninguém pode levar ou roubar. Estes mapas da história de vida funcionam como pontos de referência que proporcionam aos sujeitos um sentido de integridade pessoal como autores da sua própria crónica de vida, bem como um sentimento de segurança subjetiva e ontológica perante o caos oferecido pela modernidade tardia (Turtiainen & Oksanen, 2005).

O que estará então por trás desta escolha de mudar definitivamente uma parte considerável do corpo? De forma mais ou menos direta, a curiosidade sustenta interrogações sobre os “porquês” de o alterar de forma permanente (Rodrigues, Teixeira & Santos, 2017). Num nível diferente de acesso aos significados subjacentes, o presente artigo centrou-se na exploração dos motivos e razões que fundamentaram as motivações dos 40 participantes da presente investigação.

## 2. METODOLOGIA

“A investigação qualitativa deve dar voz aos participantes, assim as suas vozes não serão silenciadas nem marginalizadas, também as vozes alternativas ou diversificadas têm de ser ouvidas” (Creswell, 1994, p.56). As investigações qualitativas favorecem uma maior aproximação entre o pesquisador e as pessoas que no terreno desenvolvem o trabalho que é objeto da investigação, geram resultados e teorias empiricamente credíveis tanto para as pessoas que estão a ser estudadas como para as outras (Maxwell, 1996). Por outro lado, têm como uma das suas características seminais o foco na experiência subjetiva do sujeito (Flick, 2014). Assim, a nossa escolha foi a dimensão qualitativa da investigação, uma vez que esperávamos lidar com discursos de sujeitos que ainda se constituem como diferentes na sua apresentação física e debruçarmo-nos sobre vozes cujos conteúdos seriam a trama de base para a construção de um conhecimento que pretendíamos aprofundado e sério (Rodrigues, Teixeira & Santos, 2017). Num tempo de versatilidade e mudança, onde a identidade também é construída em plataformas até há pouco implausíveis, nomeadamente nas múltiplas vias virtuais, decidimos apostar numa investigação sustentada nestas “novas” condições de produção de conhecimento sobre as incontáveis dimensões da humanidade. A comunidade virtual como contexto cultural permite investigar as interações e experiências humanas através de uma perspetiva vanguardista e muito próxima aos interlocutores, possibilitando o acesso às vozes dos sujeitos e aos contributos partilhados na primeira pessoa em sincronia com um investigador fisicamente ausente. O objetivo alargado da presente investigação foi aceder às vivências daqueles que escolheram as MC como um modo de ser e estar na vida, e dar voz aos discursos contemporâneos sobre metamorfoses corporais extremas (Rodrigues, Teixeira & Santos, 2017). Em termos do objetivo específico e da questão de investigação circunscrita extraímos uma das 15 questões incluídas no estudo global, para aceder às motivações de quem escolhe marcar extensivamente o seu corpo. Recorremos à *Grounded Theory* (GT) enquanto abordagem de investigação, sendo que a recolha dos dados e a sua análise podem ocorrer em simultâneo, tendo efeitos de atuação recíproca na elaboração da rede teórica sobre o fenómeno em estudo (Thornberg & Charmaz, 2014).

### 2.1 Participantes

Não pretendemos representar o universo das MC com os 40 participantes, mas aceder a perspectivas de compreensão e vivência das marcas corporais, partilhadas entre os seus

adeptos. Neste sentido, “ao estudar-se um caso, o objetivo não é representar o mundo; basta a representação do caso. Aliás, um caso pode não representar o mundo, embora possa representar um mundo no qual muitos casos semelhantes acabam por se refletir” (Pais, 2001, p. 109). Para tal procurámos construir um grupo estratégico e intencional de sujeitos com MC em larga escala, cuja experiência pessoal se espelha nos resultados obtidos.

Os participantes eram adultos de ambos os sexos, 20 usuários e 20 profissionais de MC convidados via *online* a integrar voluntariamente o estudo e a contribuir com a sua experiência pessoal, com base no único critério de inclusão adotado, que consistiu na presença visível e significativa de MC (num número de seis, primeiro acedidas pelas fotos de perfil dos sujeitos e posteriormente descritas pelos próprios no questionário). Tinham entre os 19 e os 37 anos de idade e a seguinte instrução académica: 3.º ciclo (cinco casos); ensino secundário (22 casos), ensino superior (11 casos) e frequência de curso profissional (dois casos). Contou com 24 indivíduos do sexo masculino e 16 do sexo feminino, sendo maior parte dos sujeitos solteiros (32 casos). Todos eram sujeitos extensivamente marcados (Ferreira, 2008, 2009), que de forma mais ou menos consciente vão desenvolvendo um projeto corporal alicerçado em diferentes MC.

## **2.2 Instrumentos**

Numa investigação sustentada pelo contexto comunicacional do ciberespaço foi importante consciencializar os participantes quanto à responsabilidade pela autenticidade dos seus discursos. As experiências e significados por si partilhados contribuem para a credibilidade da investigação e para a compreensão profunda do fenómeno em estudo. O investigador tem então como função encorajar os participantes a expressarem-se livremente assegurando o seu anonimato e privacidade, recordando-lhes o papel que possuem como elementos do universo das MC e o poder das suas palavras na exploração e compreensão deste domínio pelos outros, sujeitos não modificados (James & Busher, 2007). Para a obtenção dos dados e satisfação dos objetivos delineados, foram elaborados dois instrumentos visando a caracterização sociodemográfica dos sujeitos, a exploração das suas experiências pessoais e da sua opinião quanto ao domínio das MC, bem como de áreas associadas consideradas relevantes para a compreensão de ambas as perspetivas (usuários e profissionais).

### 2.2.1. Questionário de Caracterização Pessoal

Este questionário, realizado *online* e *offline*, permitiu o levantamento dos dados socio-demográficos (sexo, idade, estado civil, escolaridade, profissão, situação profissional, nacionalidade, zona de residência) dos participantes e dos dados relativos à prática de MC.

### 2.2.2. Entrevista *Online* Semi-estruturada

O guião original da entrevista continha quinze questões como ponto de partida, e visou explorar dez dimensões articuladas entre si: a) as condições de contacto e ingresso no universo das MC; b) motivos, razões e significado desta escolha (ter realizado MC); c) o impacto das MC nas dimensões pessoal, profissional e social); d) características exclusivas e diferenciadoras dos sujeitos modificados em relação aos demais; e) elementos promotores da aproximação e união entre sujeitos modificados; f) vivência da dor; g) metamorfoses pessoais inerentes à experiência de MC e o seu efeito na relação do sujeito consigo próprio; h) percepção dos outros sobre o sujeito modificado; i) preocupações e precauções inerentes à prática de MC. Os dados apresentados neste artigo referem-se apenas à informação obtida nos discursos recolhidos com a exploração da alínea b) através da questão “*O que determinou (esteve na base, levou a...) a sua escolha de fazer uma MC?*”.

## 2.3 Procedimentos

O contexto da presente investigação foi o ciberespaço, nas suas vertentes síncrona e assíncrona através das quais se procedeu à administração dos instrumentos. O procedimento foi iniciado com a construção de um perfil no *Facebook* que permitiu o acesso aos participantes, a realização do convite para a investigação e o preenchimento do consentimento informado que assegurou as dimensões éticas necessárias. No entanto importa referir que antes deste se tornar o formato exclusivo de constituição do nosso grupo de investigação foram encetadas outras diligências para a recolha de potenciais elementos que integrassem a investigação, nomeadamente a frequência de eventos que congregavam usuários e profissionais de MC. Nestes contextos e embora o *feedback* no terreno tenha sido positivo, não se verificaram contactos posteriores pelo que se assumiu a necessidade de adoptar uma postura mais proactiva, não se limitando a aguardar pelas respostas dos sujeitos contactados, mas iniciando condutas e contactos alternativos no sentido de estabelecer outras ligações e agendando logo que possível a recolha de dados. Neste sentido, optou-se pelo recrutamento *online* sustentado no

*Facebook*. Após a criação da página iniciou-se o contacto com potenciais participantes e com outras páginas associadas às MC, o que permitiu ao entrevistador inserir-se no contexto com alguns meses de antecedência ao início das entrevistas. O processo que se seguiu decorreu da seguinte forma: após a solicitação de amizade e envio do convite de participação, aquando da resposta dos sujeitos era iniciado um diálogo (síncrono ou assíncrono, em função da situação de ambos no momento da receção da resposta), direcionado para o esclarecimento de dúvidas e para o agendamento da entrevista. Antes da concretização desta procedia-se ao envio em anexo pelo *chat* do *Facebook* do consentimento informado no qual estavam especificados os dois momentos de recolha de dados: o questionário realizado *online* ou enviado em anexo pelo *chat* do *Facebook*, ficando a entrevista pendente até à sua devolução pelo que a entrevista *online* ocorreria posteriormente e só poderia suceder neste formato com contacto sincronizado entre ambas as partes.

Assim, as entrevistas foram marcadas e realizadas através do *chat* do *Facebook*, ficando o seu conteúdo automaticamente registado. Todos os dados recolhidos encontravam-se desde a sua partilha pelo entrevistado disponíveis no histórico do *Facebook*, bastando um “*scroll*” com o rato para se ter acesso a tudo o que foi escrito por ambas as partes. O método de análise escolhido foi a *Grounded Analysis* (Charmaz, 2006) para a elaboração de uma estrutura de significação teórica com o objetivo de expor e explorar conceptualmente os temas associados às práticas de MC, e no caso do presente artigo, centrados nas motivações para a realização de MC. O processo de investigação subjacente à *Grounded Analysis* cumpriu os passos detalhados por Charmaz (2006): codificação inicial; codificação focalizada, codificação axial e codificação teórica (realizadas por dois investigadores/autores), e aplicou-se às respostas obtidas junto dos usuários e profissionais para a questão “*O que determinou (esteve na base, levou a...) a sua escolha de fazer uma MC?*”. Estas foram analisadas distintamente num primeiro momento no processo de elaboração das categorias finais ou de 1.<sup>a</sup> ordem, e num segundo momento procedemos à comparação da categorização hierárquica obtida, entre os dois grupos de participantes.

### 3. RESULTADOS

Passamos a apresentar os resultados que concernem às motivações para a realização



destas alterações corporais, subjacentes à questão “*O que determinou (esteve na base, levou a...) a sua escolha de fazer uma MC?*”.

Quando se trata de analisar a subjetividade toda a informação é válida e no caso dos usuários de MC, a análise categorial permitiu aceder a sete núcleos diferenciados de significado (categorias de 1.<sup>a</sup> ordem ou finais que ilustraremos com extratos dos discursos encontrados), e patentes na tabela 1:

1. Por gosto/estilo: (n=19 sujeitos; 20 referências) ex.: “Achava esteticamente interessante e gostava da ideia de poder acrescentar algo ao meu corpo.” (Usuário 18)
2. Marcas com significado pessoal’ (n=8; 11 ref.), ex.: “Gosto da sensação de saber que vou ter em mim algo que eu quero e escolhi e que gosto... e que também tem significado para mim... o meu significado.” (Usuário 30)
3. ‘Marcar uma posição’ (n=8; 10 ref.), ex.: “Sempre me considerei muito diferente das outras pessoas... sou muito ‘contos de fadas’ (...) e esta minha opção em relação às MC demonstra o meu outro lado... irreverente, diferente, mostrar que não sou apenas aquilo que os outros querem que eu seja, que a sociedade quer!” (Usuário 9)
4. Influência do contexto’ (n=5; 7 ref.), ex.: “Quanto aos *piercings* foi algo que foi crescendo comigo com o passar dos anos, algo que foi sendo sem dúvida motivado quando trabalhei numa loja de *tattoos*.” (Usuário 24)
5. Por associação à música’ (n=5; 5 ref.) ex.: “Desde que me recordo de ser eu e começar-me a vestir e a ter personalidade musical e afins, que me recordo de gostar de tudo o que tinha a ver com o assunto... desde sempre que em minha casa se ouvia boa música alternativa... e por sua vez vem associado os cabelos arrojados... as roupas... tatuagens... *piercings*.” (Usuário 25)
6. Tatuagem como arte’ (n=4; 6 ref.) ex.: “Querida o meu corpo com arte... e de forma a que eu também gostasse de ver... e também posso dizer para que as outras pessoas também pudessem ver arte.” (Usuário 30)
7. ‘Identificação com um estilo de vida’ (n=4; 4 ref.), ex.: “Sinceramente acho que é mais tipo um *lifestyle*, tal como as roupas tu acabas por gostar identificaste e queres fazer, acho que é tão simples como isso (...) acho que inicialmente quando alguém escolhe tatuar, inevitavelmente acaba por ser por ter visto e ter gostado, daí associar ao *lifestyle*, para mim, foi um pouco por aí.” (Usuário 23)

Nas tabelas que se seguem encontram-se as unidades discursivas e as categorias de 2.<sup>a</sup> ordem que se organizaram nestes *clusters* de convergência, expondo de que forma as unidades discursivas recolhidas inicialmente se foram agrupando em temáticas que se constituem como organizadoras de conceitos a agrupar posteriormente numa categorização mais ampla e abstrata (categorias de 1.<sup>a</sup> ordem).

<b>Unidades de Análise</b>	<b>Categorias de 2.<sup>a</sup> ordem</b>	<b>Categorias de 1.<sup>a</sup> ordem</b>
“Achava esteticamente interessante” (suj. 18)	Estética (n=2; 2 ref.)	
“Hoje em dia vejo mais como gosto e beleza a nível estético” (suj. 19)		
“Embelezamento corporal” (suj. 26)	Embelezamento (n=3; 3 ref.)	
“Sempre fui fã (...) de ver a beleza expressa num bom trabalho tatuado” (suj. 24)		
“Gostava da ideia de poder acrescentar algo ao meu corpo” (suj. 18)	Adorno (n=3; 3 ref.)	<b>Por gosto/estilo</b> (n=19; 20 ref.)
“Por gosto, adorno” (suj. 27)		
“Porque estava na moda” (suj. 20)	Moda (n=3; 3 ref.)	
“Estava na moda, o meu ego na altura estava enorme” (suj. 21)		
“Um gosto pessoal cultivado” (suj. 25)	Por gosto pessoal (n=8; 9 ref.)	
“Somente o meu gosto pessoal” (suj. 38)		
“A base é sempre sentimentos” (suj. 14)	Tem significado emo-cional (n=4;6 ref.)	<b>Marcas com significado pessoal</b> (n=8; 11 ref.)
“Porque se passou algo na minha vida, que escolhi ‘eternizar’ em mim” (suj. 28)		
“A própria religião, uma vez que as minhas tattoos têm todas uma vertente religiosa” (suj. 17)	Tem um significado religioso (n=2; 2 ref.)	
“Procurei associar coisas que têm importância para mim, desde carácter religioso” (suj. 23)		

“Olhar-me ao espelho e sentir-me ‘EU’” (suj. 25)	Objecto de	
“Sempre achei que era uma coisa que gostava de fazer e que tinha a ver comigo” (suj. 23)	identificação (n=2; 3 ref.)	
“Marcar a diferença” (suj. 34)	Afirmar a diferença (n=5; 7 ref.)	<b>Marcar uma posição</b> (n=8; 10 ref.)
“Mostrar que não sou apenas aquilo que os outros querem que eu seja, que a sociedade quer” (suj. 9)		
“Querer ser mais “rebelde”” (suj. 19)	Rebeldia (n=3; 3 Ref,)	
“O não poder fazer por não quererem que eu fizesse” (21)		
“Ter mudado de escola e ter entrado em contacto com outros meios e outras pessoas” (suj. 7)	Influência do contexto social (n=3; 4 ref.)	<b>Influência do contexto</b> (n=5; 7 ref.)
“Inserção social” (suj. 20)		
“Somos seres influenciáveis” (suj. 24)		
“Quanto aos <i>piercings</i> (...) foi sendo sem dúvida motivado quando trabalhei numa loja de <i>tattoos</i> ” (suj. 24)	Influência do contexto profissional (n=2; 3 ref.)	
“Estar envolvida nesse meio de trabalho [cabeleireira/ maquiadora]” (suj. 32)		
“Já estava a começar a mudar o meu género musical e a abranger mais para o <i>rock</i> e para o <i>punk</i> ” (suj. 7)	Estilo de música (n=3; 3 ref.)	<b>Por associação à música</b> (n=5; 5 ref.)
“Desde que me recordo de ser eu e começar-me a vestir e a ter personalidade musical e afins (...)” (suj. 25)		
“Desde sempre que em minha casa se ouvia boa música alternativa...as roupas...tatuagens... <i>piercings</i> ” (suj. 25)	<i>Look</i> dos membros das bandas (n=2; 2 ref.)	
“Fui influenciado pelo <i>look</i> das bandas que ouvia” (suj. 35)		
“Quería o meu corpo com arte” (suj. 30)	Tatuagem como arte (n=4; 6 ref.)	<b>Tatuagem como arte</b> (n=4; 6 ref.)
“Gosto pela arte da tatuagem” (suj. 27)		
“Da arte em si” (suj. 33)		
“Não me imagino a ser alguém que não tivesse optado por este “estilo de vida”” (suj. 7)	Identificação com um estilo de vida (n=4; 4 ref.)	<b>Identificação com um estilo de vida</b> (n=4; 4 ref.)
“(...) daí associar ao <i>lifestyle</i> ” (suj. 23)		

**Tabela 1.** Categorias de 1ª e 2ª ordem obtidas com o grupo de Usuários.

Neste grupo de usuários a dimensão estética surge como uma categoria com bastante peso, mas a associação das marcas a eventos emocionais e religiosos e de complemento identitário dão sinal do reconhecimento de dimensões que vão para além do “visível”, a ponto de terem como significado de afirmação pessoal e de identificação com um estilo de vida.

Da análise dos discursos dos profissionais resultaram do processo intuitivo de codificação para aceder às categorias de 1.<sup>a</sup> ordem seis núcleos finais de codificado (tabela2):

1. ‘MC como forma de expressão’ (n=9 sujeitos; 14 referências) ex.: “Eu ser um moderno primitivo, gostar da representação gráfica do que me vai no interior, sou expressivo, gosto de quem me olha, que se me ler, que me leia bem.” (Profissional 12)
2. ‘Gostar’ (n=8; 8 ref.), ex.: “Eu faço porque gosto, gosto de ver tanto em mim como nas outras pessoas.” (Profissional 4)
3. ‘Motivos estéticos/ artísticos’ (n=8; 8 ref.), ex.: “Faço tatuagens por estética, porque gosto de como ficam na pele, faço-as por mim e não para os outros embora nesta fase já seja quase impossível de as esconder, os *piercings* por estética.” (Profissional 10)
4. ‘Destaque pela diferença’ (n=7; 11 ref.), ex.: “Para andar diferentes dos outros (...) a sociedade é muito igual, aqui [Portugal] então ui, depois é sempre o mesmo *piercing* no lábio ou no lado direito ou esquerdo (...) a sociedade é muito igual vai por modas não por si mesmo.” (Profissional 5)
5. ‘Marcar momentos/experiências’ (n=5; 7 ref.), ex.: “Foi saber que posso com um pouco de tinta e agulhas marcar momentos da minha vida, meu corpo hoje em dia é um diário e minhas *tattoos*, minha história.” (Profissional 29)
6. ‘Motivação reconhecida’ (n=4; 6 ref.), ex.: “Nessa altura já sentia uma ‘necessidade’ de me ‘sujar’, gosto de ver o corpo pintado com arte, recordações, sentimentos, etc..” (Profissional 13)

Neste grupo sobressai a dimensão que as MC podem assumir como forma de expressão, quer emocional, quer da sinalização da distinção pretendida dos outros. Marcar a diferença coexiste com a marcação de datas e eventos num registo “memorial” que

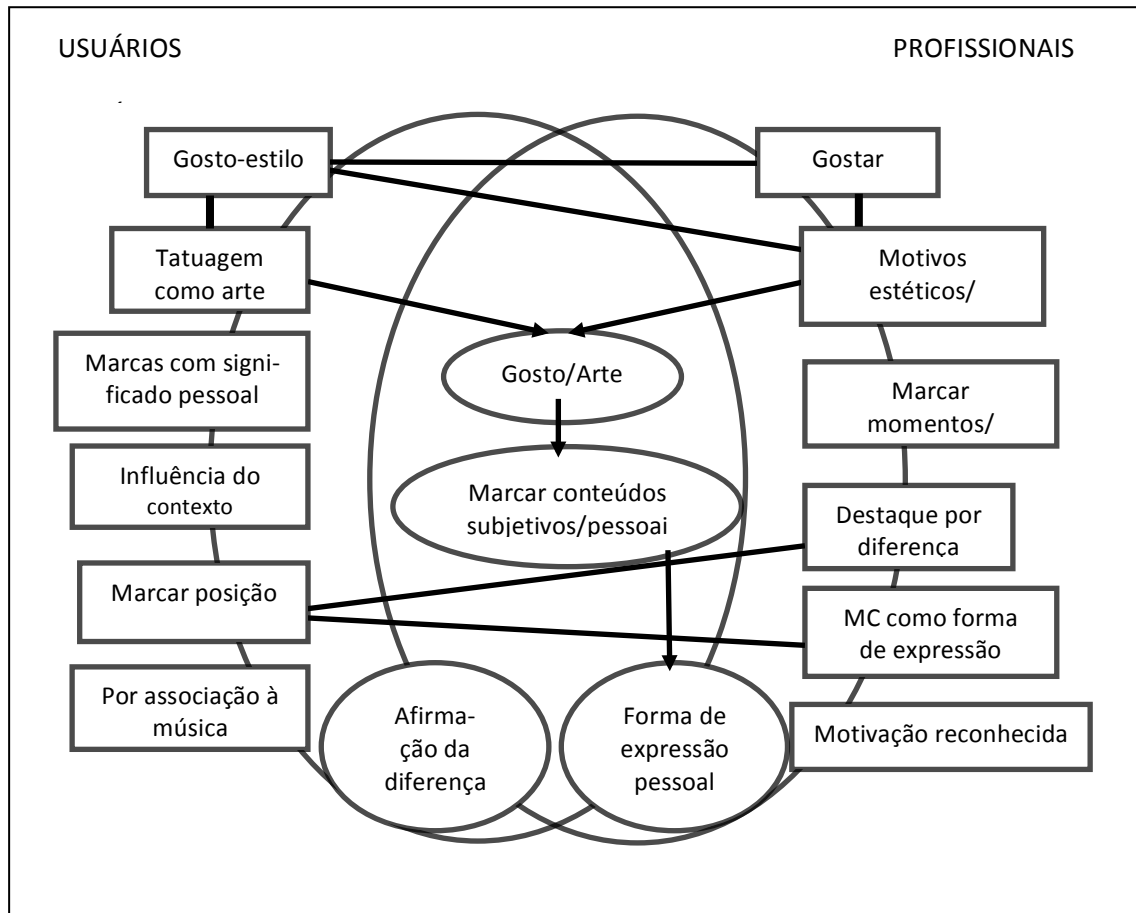
encerra as próprias narrativas de vida.

<b>Unidades de análise</b>	<b>Categorias de 2ª ordem</b>	<b>Categorias de 1ª ordem</b>
“desafio” (suj. 22)	Afirmação/	
“Um modo de afirmação, de certa maneira” (suj. 4)	contestação	
“Querer (...) às vezes de chocar as pessoas” (suj. 1)	(n=3; 4 ref.)	
“Maneira de pensar e de expressão” (suj. 31)	Expressão pessoal	<b>MC como forma de expressão</b> (n=9; 14 ref.)
“Sou expressivo” (suj. 12)	(n=3; 5 ref.)	
“Sempre defendi aquele cliché de que “o corpo é uma tela” (6)	Usar o corpo	
“O corpo vai virar pó... isso é certeza. Prefiro usá-lo como tela, do que simplesmente carregá-lo” (suj. 36)	como tela (n=3; 5 ref.)	
“Apenas gostei visualmente” suj. (15)	Gostar de ver	<b>Gostar</b> (n=8; 8 ref.)
“Gosto de ver o corpo pintado com (...) recordações, sentimentos, etc.” (suj. 13)	(n=4; 4 ref.)	
“Eu faço porque gosto” (suj. 4)	Gostar, sem	
“Agradaram-me” (suj. 15)	especificação	
“Foi uma paixão”( suj. 5)	(n=4; 4 ref.)	
“ <i>piercing</i> para mim é meramente estético” (suj. 13)	Estética	<b>Motivos estéticos/ artísticos</b> (n=8; 8 ref.)
“Acaba por ser uma opção estética” (suj. 4)	(n=5; 5 ref.)	
“Gosto de ver o corpo pintado com arte” (suj. 13)		
“Já estar ligado à arte” [tatuador e artista plástico] (suj. 40)	Arte (n=3; 3 ref.)	
“Fascinava-me ser diferente” (suj. 10)		<b>Destaque pela diferença</b> (n=7; 11 ref.)
“Quando nascemos somos iguais, mas as nossas escolhas vão-nos diferenciando um dos outros” (suj. 8)	Por ser diferente (n=5; 8 ref.)	
“Sempre gostei de dar nas vistas” (suj. 1)	Procura de destaque	
“Foi mesmo me destacar na sociedade” (suj. 5)	(n=2; 3 ref.)	
“Marcar um novo caminho” (suj. 2)	Marcar	<b>Marcar</b>
“Marcar momentos da minha vida” (suj.29)	momentos/	<b>momentos/</b>
“Minhas <i>tattoos</i> , minha história” (suj. 29)	experiências	<b>experiências</b>
“Memória ou celebração de algo” (suj. 22)	(n=5; 7 ref.)	(n=5; 7 ref.)

“(…) já sentia uma “necessidade” de me “sujar” (suj. 13)	Necessidade	
“Sempre as vi como complementos ao meu ser” (suj. 39)	(n=2; 2 ref.)	
“Quando via os filmes e via o pessoal tatuado pensava que queria aquilo” (suj. 3)		<b>Motivação reconhecida</b>
“(vi uns amigos mais velhos do meu bairro a fazer tatuagens caseiras…) na altura percebi que era aquilo que queria ter quando fosse mais velho” (suj. 39)	Vontade (n=2; 4 ref.)	(n=4; 6 ref.)

**Tabela 2.** Categorias de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ordem obtidas com o grupo de Profissionais.

Finalizada a exposição das categorias hierarquizadas de 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> ordem, bem como das respetivas unidades discursivas que as ilustram passamos a salientar alguns pontos comuns e de diferenciação encontrados nos discursos dos dois grupos (Figura 1). Esta representação visa ilustrar de que modo as categorias expressam as suas especificidades (laterais da figura), e quais os núcleos de significado que são claramente comuns (centro da figura). A apreciação das MC como determinante da escolha de incorporá-las em si, é um ponto comum, tal como o uso das MC como forma de preservar corporalmente ou de registar na pele conteúdos subjetivos significativos. Também a motivação para a prática das MC como meio de exteriorização de conteúdos internos, recorrendo ao corpo como canal de comunicação e de expressão pessoal variada, salientando a celebração e afirmação da diferença no corpo e através do corpo surge partilhada tal como a perceção de uma vertente artística na prática de MC. Mas os dois grupos afastam-se quando os profissionais reforçam a prevalência do *locus* de controlo interno nesta tomada de decisão e o grupo dos usuários partilha a influência sofrida pelos contextos: social, profissional e inclusive musical, na sua escolha de modificar o corpo. Por fim, os usuários assumem a adoção de MC como parte integrante de um estilo de vida com o qual se identificam, enquanto no grupo dos profissionais estas referências são desconhecidas. Olhamos com curiosidade para este facto uma vez que estes últimos, devido à sua atividade profissional, são provavelmente aqueles que mais enraizados estão neste meio particular, que constituí o seu quotidiano, seja na própria pele, seja enquanto cumprem o seu horário de trabalho.



**Fig. 1.** Representação esquemática das convergências e divergências dos discursos do grupo de usuários e de profissionais relativamente à questão “O que determinou (esteve na base, levou a...) a sua escolha de fazer uma MC?”

#### 4. DISCUSSÃO

A discussão destes resultados enquadra-se numa sociedade extremamente visual na qual o corpo e a imagem são interpretados como sinónimos de beleza, com uma forte tendência para a normalização do visual e de um padrão estético como norma - o corpo jovem bonito e saudável (Maroun & Vieira, 2008) - demarcando territórios de legitimidade por igualdade e por diferença. Como o que diverge da norma é inapropriado ou feio, seria aqui que residiriam as MC, num espaço dedicado ao pouco ou nada atrativo do ponto de vista estético, em que o padrão estético normativo vigente desconsidera toda a subjetividade humana (Maroun & Vieira, 2008) ao promover uma produção de corpos em massa.

Por isso foi para nós tão importante ter acesso às vozes de 40 sujeitos cuja desconstrução e posterior análise categorial hierárquica nos remeteu para outro nível de compreensão dos significados individuais (Rodrigues, Teixeira & Santos, 2015). Em contraposição a este movimento de homogeneização dos corpos e da imagem, encontrámos nos dois grupos a expressão pessoal e a afirmação da diferença no corpo e através do corpo como determinantes base da escolha de fazer uma MC. Para alguns dos elementos entrevistados as MC representam uma forma de expressão, e o corpo um espaço para a afirmação da diferença. Ao assumirem uma estética de divergência, marcam uma posição e expressam uma opinião (Le Breton, 2004) que se afasta da normatividade.

O nosso corpo por si só comunica através da nossa postura, da forma como nos movemos, das nossas expressões faciais. Se para além disto tudo, o nosso corpo é ilustrado, pintado, colorido, furado, marcado, queimado, rasgado, que mensagens transmitirá (Rodrigues, Teixeira & Santos, 2017)? Temos assim a pele marcada investida dum simbolismo que implica sempre o outro para poder fazer sentido (Ferreira, 2006). É como um texto que exige leitores, se não, não passará de um conjunto de palavras. O olhar sobre o corpo tem um papel central nas trocas sociais e a visualidade tem um papel de revelo da vida social. Ao divergirem face aos padrões habituais os sujeitos captam a atenção para si, tornam-se centrais como estímulo sensorial nas trocas sociais. É na relação com o outro e sob o olhar e avaliação do outro, que o corpo marcado é legitimamente reconhecido como diferente (Ferreira, 2006). Através das MC os sujeitos sentem a reapropriação do seu corpo (Lírio, 2008), ao mesmo tempo que procuram notoriedade e reconhecimento através de manifestações corporais explícitas de individualismo. Outros dos principais determinantes desta escolha voluntária de metamorfosear o corpo acedido nos discursos analisados associa às MC a possibilidade de eternizar na pele conteúdos subjetivos e pessoais (Caliendo, Armstrong & Roberts, 2005), momentos, sentimentos, experiências, coisas, pessoas, fases, mudanças, celebrações. Cada traço inscrito na pele é premeditado e conserva determinada memória ou experiência à qual está associado um sentimento que se quer recordar para sempre (Ferreira, 2011), perpetuando significados.



## 5. CONCLUSÕES

Na comunicação *online* e na ausência de qualquer registo audiovisual, a palavra escrita, o texto, é a maior fonte de expressividade a que o investigador tem acesso, pois todas as outras pistas inerentes às interações cara a cara, como a postura corporal, o tom de voz e o olhar, aqui não existem. Neste sentido, é necessário dar especial atenção não só aos conteúdos transmitidos pelos sujeitos, mas também à forma como o fazem (Bryman, 2004). A sua interpretação permite a construção de conhecimento através das representações feitas textualmente. Investigações deste carácter pressupõem uma certa informalidade na comunicação (Bowker & Tuffin, 2004). Na impossibilidade de quaisquer pistas visuais é a linguagem do entrevistador que convida os sujeitos à participação, é o modo como escreve que aproxima as partes envolvidas deixando um sentimento de maior proximidade e permitindo discursos mais íntimos e mais profundos. Por outro lado a falta da presença corporal e de expressividade facial de ambas as partes envolvidas na investigação foi encarada como uma mais-valia na medida em que alguns indivíduos sentem-se mais à vontade para comunicar livremente na ausência destas pistas, conseguem ser mais expansivos na construção de si e da sua realidade (Mann & Stewart, 2000), contribuindo para a investigação em curso e para uma maior imparcialidade do entrevistador (que não tem acesso a quaisquer sinais visuais, verbais ou espaciais que lhe permitam tirar ilações). No presente formato o anonimato do sujeito investigado conferiu-lhe um estatuto especial, privando-o de quaisquer consequências ou do julgamento social, enquanto que o investigador (sem MC visíveis) foi também “poupado” a um eventual julgamento como diferente. Estas características únicas da conversação *online* transcendem barreiras sociais e culturais, ao mesmo tempo que encorajam os sujeitos a partilhar mais sobre si (Joinson, Reips, Buchanan, & Schofield, 2010). E isto é particularmente importante quando as temáticas abordadas têm a ver com o corpo e com tudo o que esta entidade pode envolver, terreno fértil para a subjetividade e para o seu acesso através da *Grounded Theory* Rodrigues, Teixeira & Santos, 2017). Como chama a atenção Prost (1995, p. 102) “sentir-se bem na sua própria pele” independentemente dos motivos ou significados associados pelos sujeitos às metamorfoses corporais e pessoais a que se predispõe voluntária e intencionalmente é o que deve prevalecer, pois é através do corpo que muitas pessoas procuram a auto realização (Maroun & Vieira, 2008). Finalmente, a análise detalhada destas vozes acedidas no *chat* do *Facebook* e trabalhadas através da *Grounded Theory* dão nota de

uma complexidade que extrapola de longe a escolha estética, mas que está coartada pela desinserção destas questões do restante conjunto que consta do estudo mais alargado (Rodrigues, Teixeira & Santos, 2017).

No entanto, no que respeita à escolha de projetos extensos de marcação corporal, acreditamos tratar-se de um sério investimento individual de construção de um projeto corporal diferenciado e diferenciador, dimensão esta de relevo nas vozes ouvidas, sendo certo que ao contribuir para pensar alternativamente o Corpo estamos a ampliar a nossa compreensão do Outro, das suas motivações, dos significados subjetivos com que pintam as suas escolhas e que espelham as suas vivências.

## REFERÊNCIAS

Adams, J. R. (2007). *Transient Bodies, Pliable Flesh: Culture, Stratification, an Body Modification*. Ohio: Dissertação de Doutoramento em Filosofia apresentada à Univ. Estadual de Ohio.

Arp, R. (2012). I Am, Therefore I Ink: An Introduction to Tattoos - Philosophy for Everyone: I Ink, herefore I Am In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.xiv-xxvi). New York: Wiley-Blackwell.

Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Botz-Bornstein, T. (2012). Female Tattoos and Graffiti. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.53-64). New York: Wiley-Blackwell.

Bowker, N., & Tuffin, K. (2004). Using the online medium for discursive research about people with disabilities. *Social Science Computer Review*, 22(2), 228-41.

Bryman, A. (2004). *Social Research Methods* (2nd ed.). Oxford: Oxford University.

Caliendo, C., Armstrong, M. L., & Roberts, A. E. (2005). Selfreported characteristics of women and men with intimate body piercings. *Journal of Advanced Nursing*, 49, 474-484.

Carvalho, F. (2012). Tattoos are Forever: Bodily Freedom and the (Im)possibility of Change. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.123-134). New York: Wiley-Blackwell.

- Chamaz, K. (2006). *Constructing Grounded Theory. A Practical Guide through Qualitative Analysis*. London: Sage Publications.
- Creswell, J. (1994). *Research Design: Qualitative and Quantitative*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- D'Ambrosio, A., Casillo, N., & Martini, V. (2013). Piercings and tattoos: psychopathological aspects. *Activitas Nervosa Superior Rediviva*, 55(4), 143-148.
- Decker, K. S. (2012). Something Terribly Flawed: Philosophy and 'The Illustrated Man'. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.165-178). New York: Wiley-Blackwell.
- Ellis, J. (2012). How to Read a Tattoo, and Other Perilous Quests. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.14-26). New York: Wiley-Blackwell.
- Falkenstern, R. C. (2012). Illusions of Permanence: Tattoos and the Temporary Self. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.96-108). New York: Wiley-Blackwell.
- Ferreira, V. S. (2004). Da reflexividade corporal entre os jovens portugueses: Uma realidade socialmente fragmentada. *Actas dos ateliers do V Congresso Português de Sociologia Sociedades Contemporâneas: Reflexividade e Acção* (55-61). Universidade do Minho - Campus Gualtar - Braga: Atelier: Corpo e Sexualidade.
- Ferreira, V. S. (2006). *Marcas que Demarcam: Corpo, Tatuagem e Body Piercing em Contextos Juvenis*. Lisboa: ISCTE: Dissertação de Doutoramento em Sociologia apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa.
- Ferreira, V. S. (2008). Os ofícios de marcar o corpo. A realização profissional de um projecto identitário. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 58, 71-108.
- Ferreira, V. S. (2009). Youth scenes, body marks and bio-sociabilities. *Young (Nordic of Youth Research)*, 17(3), 285-306.
- Ferreira, V. S. (2007). Política do corpo e política da vida: A tatuagem e o body piercing como expressão corporal de uma ética da dissidência. *Etnográfica*, 11(2), 291-326.
- Ferreira, V. S. (2011). Tatuagem o corpo jovem hoje: rito de passagem ou ritual de

impasse? *Vivência*, 36, 137-156.

Flick, U. (2014). Mapping the field. In U. Flick (Ed.), *The SAGE handbook of qualitative data analysis* (pp. 3-18). London: Sage Publications.

Forbes, G. B. (2001). College students with tattoos and piercing: motives, family experiences, personality factors and perception by others. *Psychological Reports*, 89(3), 774-786.

Fruh, K., & Thomas, E. (2012). Tattoo You: Personal Identity in Ink. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.83-95). New York: Wiley-Blackwell.

Garcia, W. (2006). *Corpo e Subjectividade - Estudos Contemporâneos*. São Paulo: Factaser.

Giddens, A. (1991). *Modernity and Self-Identity: Self and Society in the Late Modern Age*. California: Stanford University Press.

Heaps, J. (2012). Bearing the Marks: How Tattoos Reveal Our Embodied Freedom. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.135-148). New York: Wiley-Blackwell.

Joinson, A., Reips, U., Buchanan, T & Schofield, C, (2010), Privacy, Trust and Self-Disclosure Online. *Human-Computer Interaction*, 25, 1-24.

Kang, N. (2012). Painted Fetters: Tattooing as Feminist Liberation. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.65-80). New York: Wiley-Blackwell.

Klonsky, E., & Muehlenkamp, J. (2007). Self-Injury: a research review for the practitioner. *Journal of Clinical Psychology*, 63(11), 1045-1056.

Klonsky, E., Oltmanns, T., & Turkheimer, E. (2003). Deliberate self-harm in a nonclinical population: Prevalence and Psychological Correlates. *American Journal of Psychiatry*, 160(8), 1501-1508.

Latini, T. F. (2005). Body Modification: Adolescence, Popular Culture & Practical Theology. *Journal of Youth and Theology*, 4(2), 69-85.

Le Breton, D. (2004). *Sinais de identidade. Tatuagens, piercings e outras marcas corporais*. Lisboa: Miosótis.

Lee, W. L. (2012). Never Merely 'There': Tattooing as a Practice of Writing and Telling of Stories. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.151-164). New York: Wiley-Blackwell.

- Lírio, D. R. (2008). Suspensão corporal e as três dimensões da intercorporeidade. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(2), 58-67.
- Loeck, L. (2010). *Os significados do corpo para as pessoas adeptas das modificações corporais extremas*. Porto Alegre: Monografia apresentada à Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- James, N, & Busher, H. (2009). *Online Interviewing*. London: SAGE Publications
- Mann, C., & Stewart, F. (2000). *Internet Communication and Qualitative Research: A Handbook for Researching Online*. London: Sage Publications
- Maroun, K., & Vieira, V. (2008). Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. *Psicologia em Revista, Belo Horizonte*, 14(2), 171-186.
- Maxwell, J. A. (1996). *Qualitative Research Design: an interactive approach*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Michaud, N. (2012). Are Tattoos Art. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.29-37). New York: Wiley-Blackwell.
- Miranda, M. D. (2016). *Forensic Analysis of Tattoos and Tattoo Inks*. New York: CRC Press.
- Muller, I. E. (2012). Philosophy and Spirituality in Body Modification. Retirado de <https://pt.scribd.com/doc/235470206/Body-Modification>.
- Myers, J. (1992). Nonmainstream body modification: Genital piercing, Branding, Burning and Cutting. *Journal of Contemporary Ethnography*, 21(3), 267-306.
- Pais, J. M. (2001). *Ganchos, Tachos e Biscates. Jovens, Trabalho e Futuro*. Porto: Ambar.
- Pérez-Cotapos, MI., & Cossio, ML. (2006). Tattooing and piercing in teenagers. *Rev Med Chil*, 134(10), 1322-1329.
- Pires, B. F. (2005). *O corpo como suporte da arte: piercing, implante, esscarificação, tatuagem*. São Paulo: Senac.
- Prost, A. (1995). Fronteiras e espaços do privado. In A. Frost, & G. Vicent, *História da vida privada: da Primeira Guerra a nossos dias. Tradução Denise Bottmann* (13-153). São Paulo: Companhia das Letras.
- Rodrigues, M. (2015). *O Corpo como Objecto de Marca(s): Modificações corporais e a procura de significado num território demarcado*. Tese de Doutoramento não publicada. Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da

Universidade Fernando Pessoa, Porto, Portugal.

Rodrigues, M., Teixeira, Z., & Santos, L. (In press). *Marcas em Mim. Motivações para a realização de modificações corporais: Discursos de usuários e profissionais*. Atas do 6º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa, Salamanca. Espanha.

Shilling, C. (1993). *The Body and Social Theory*. London: Sage Publications.

Schorzman, C. M., Gold, M. A., Downs, J. S., & Murray, P. J. (2007). Body art: attitudes and practices regarding body piercing among urban undergraduates. *J Am Osteopath Assoc*, 107, 432-438.

Smith, C. (2012). My Tattoo May Be Permanent, But My Memory of It Isn't. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.109-120). New York: Wiley-Blackwell.

Souza, C. M. (2009). Body Modification: Uma análise sobre os usos e significados do corpo na Body Art. *Diversidad y Poder en América Latina* (1-15). Buenos Aires: VIII Reunión de Antropología del Mercosul.

Stirn, A., & Hinz, A. (2008). Tattoos, body piercings, and self-injury: Is there a connection? *Psychotherapy*, 18(3), 326-333.

Taliaferro, C., & Odden, M. (2012). Tattoos and the Tattooing Arts in Perspective: An Overview and Some Preliminary Observations. In R. Arp (Ed.), *Tattoos. Philosophy for Everyone. I Ink, Therefore I Am* (pp.3-13). New York: Wiley-Blackwell.

Thomberg, R., & Charmaz, K. (2004) Grounded theory and theoretical coding, In U. Flick (Ed), *The SAGE handbook of qualitative data analysis* (pp.153-169). London: Sage Publications.

Turtiainen, J., & Oksanen, A. (2005). A Life Told in Ink: Tattoo Narratives and the Problem of the Self in Late Modern Society. *Auto/Biography*, 13, 111–130.

Wessel, A., & Kasten, E. (2014). Body piercing and self-mutilation: A multifaceted relationship. *American Journal of Applied Psychology*, 3(4), 104-109

### How to cite this article:

Rodrigues, M.; Teixeira, Z. & Santos, L. (2018). Vozes de corpos marcados: um estudo qualitativo sobre significados emergentes. *International Journal of Marketing, Communication and New Media. Special Number 3 – QRMCNM*, 21-42, Available at <http://u3isjournal.isvouga.pt/index.php/ijmcmn>.